

COMO AVALIAR EM TEMPOS DE PANDEMIA?: O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE AOS PROCESSOS AVALIATIVOS

DÉBORA NASCIMENTO GOMES DA SILVA

Estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco – PE; debora.nascimentosilva@ufpe.br

RESUMO

O presente trabalho visa explicar alguns conceitos vistos na literatura sobre o que é avaliação educacional, trazendo assim, uma abordagem comparativa, de como tal está sendo realizada nos dias atuais, frente a implantação do ensino remoto emergencial, como consequência da pandemia da covid-19. Assim como, analisar o papel do professor perante a avaliação educacional nesta nova modalidade de ensino, bem como, mitigar as ações realizadas por parte dos docentes frente a tal cenário. Também, será visto, os principais impactos e desafios perante o professorado e alunado para a concretização de uma relação de ensino-aprendizagem, a qual é caracterizada através de uma avaliação mediante as instituições de ensino.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem; Pandemia; Desafios; Mudanças.

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre os processos avaliativos nos remete a pensar sobre o que é o processo avaliativo, como ele se integra frente as instituições de ensino, o que as caracteriza e como estas são impostas as partes integrantes no meio educacional. Por muito tempo, a avaliação foi vista como uma forma de prestar um valor a uma dada ação, com o processo avaliativo nas escolas, não é diferente, tendo em vista que, nos primórdios da educação, já havia sempre o questionamento de como saber se o indivíduo estava aprendendo, ou até mesmo, como saber se os ensinamentos passados iriam ser entendidos e assim praticados diante dos educandos, ou como eram chamados antigamente, em meados do século XVI, discípulos.

Hoje, mesmo com o passar dos anos, fragmentos dessa visão de avaliação ainda se denota presente em muitos profissionais e instituições de educação. Contudo, vários estudos já foram realizados para então desmitificar a visão anterior dita como certa. Dessa forma, na atualidade, docentes e gestores, já apresentam um olhar desmistificado ao conceito utilizado de avaliação anteriormente, onde fundamentava-se em um juízo de valor, o qual convinha estabelecer o resultado do sucesso ou fracasso do aluno.

Entretanto, cabe aqui a seguinte indagação: Como avaliar em período de ensino remoto emergencial? Antes de tudo, é importante destacar a realidade enfrentada na sociedade perante os últimos tempos, a qual afetou drasticamente diversos setores, dentre eles o educacional. O aumento de casos e mortes pela Covid-19 levou as autoridades sanitárias a adotarem medidas rígidas de combate ao avanço da propagação do vírus, dentre eles o isolamento social, causando o fechamento de comércios, indústrias, igrejas e escolas. Segundo Senhora (2020) entre 28 de março e 26 de abril de 2020, 1,7 bilhão de estudantes (90% de todos os estudantes no mundo), de diferentes níveis e faixas etárias em até 193 países foram afetados com o fechamento das escolas. (SENHORA, 2020).

Ao longo de todo ano de 2020, as instituições de ensino passaram a conviver com as possibilidades de fechamento localizado e reabertura parcial ou total, tendo impacto negativo no processo de ensino aprendizagem e no aumento da evasão escolar. (SENHORA, 2020). As escolas no Brasil não podiam fechar, e em meio um cenário desolador de mortes e contaminações sem controle e até então sem vacina, onde a única solução para combater a disseminação do vírus e as mortes era o isolamento

social, a solução foi adotar o ensino remoto, por meio do uso das TICs e das estratégias de inovações educacionais e metodologias ativas orientadas por diversas Empresas de Tecnologia Educacional (EdTechs).

Nesse itinerário analítico, acrescenta-se a esse cenário as dificuldades de acesso à internet, computadores, smartphones e tablets por parte dos estudantes da rede pública, bem como a dificuldade dos professores de dominarem as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), bem como as tecnologias educacionais e de um momento para outro passaram a constar no cotidiano da organização pedagógica dos docentes. Essa reflexão pode ser ratificada mediante pesquisa realizada pelo Instituto Península em que identifica que 88% dos professores nunca tinham dado aula de forma remota e 83,4% não se sentem preparados.

Ademias, frente à atual crise, como forma de minimizar o impacto, o Governo Federal divulgou a medida provisória nº 934, de 1º de abril de 2020, estabelecendo normas excepcionais para as regras estabelecidas nos dispositivos legais flexibilizando, por exemplo, a obrigatoriedade do cumprimento de, no mínimo, duzentos dias de efetivo trabalho escolar. Pera (2020) destaca que, por meio dessa MP, tanto as escolas da educação básica quanto as instituições de ensino superior poderão fazer a distribuição da carga horária em um período diferente dos 200 dias letivos previstos em legislação.

O Art. 1º da MP nº 934 (2020) destaca: O estabelecimento de ensino de educação básica fica dispensado, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, [...], desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, observadas as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino.

E como então saber se os estudantes estão conseguindo adquirir aprendizado nessa nova modalidade de ensino implantada emergencialmente? Como avaliar a produtividade dos estudantes? Como saber se os mesmos estão conseguindo adaptar-se ao “novo normal” implantado devido a normas sanitárias globais?

Com a implantação do ensino remoto emergencial, muitas instituições encontraram-se de mãos atadas logo no início da pandemia, sem saber como dar prosseguimento aos trabalhos educacionais com as restrições de contato presencial os quais foram implantados. Com a chegada de uma resolução, a qual passou a deixar claro que medidas de ensino remoto emergencial passariam a contar como dias letivos, as escolas começaram a se organizar e com isso passaram a formular estratégias de

gestão, assim como metodológicas e pedagógicas para que fosse então possível dar continuidade ao ensino nesta nova modalidade implantada.

Contudo, é válido salientar, que tal adequação por parte das escolas, não ocorreram de forma igualitária, distinguindo desde as regiões do país, até mesmo entre instituições localizadas em uma mesma cidade. Questões como aparatos tecnológicos, experiências por parte dos docentes em ensino remoto emergencial, domínio de plataformas de ensino online por parte dos professores e alunos, bem como preparo em metodologias ativas de ensino por parte dos docentes fizeram-se crucias para estabelecer tais distinções as quais foram apresentadas, ao longo de relatos de experiência e artigos de pesquisa analisados através de uma breve consulta na literatura, através de bases de dados como a Scielo, o periódico Capes e a própria literatura cinzenta, o Google Acadêmico. Assim, é necessário pesquisas e estudos em relação a como foram e estão sendo feitas as avaliações da aprendizagem nas mais diversas instituições de ensino no período de ensino remoto emergencial, bem como, investigar se a mesma está cumprindo os objetivos pressupostos no conceito da terminologia empregada, visto que, com a mudança de paradigmas educacionais impostos, um dos principais desafios lançados aos docentes, denota-se pelo ato de avaliar o processo de ensino-aprendizagem.

Então, para melhor nortear a discussão, é necessário entender o que seria a avaliação da aprendizagem, para a Belloni (1996), avaliação institucional trata do desempenho da instituição, das políticas públicas e da boa realização de um projeto, podendo também ser utilizada para avaliação da implementação de planos ou projetos, dos resultados obtidos ou do impacto causado. Nessa acepção, Lordêlo e Dazzani (2009) classificam as avaliações institucionais em dois tipos, as de modelos educativos, ou formativos que são de caráter qualitativo e democrático, com ênfase no desenvolvimento da qualidade do trabalho produzido pela instituição avaliada; e as de modelos regulatórios, que são de caráter quantitativo, tecnocrático e centralizador que buscam garantir a qualidade da instituição avaliada pelo cumprimento das regras de funcionamento preestabelecidos pelos sistema.

Dessa maneira, é importante ressaltar os métodos avaliativos amplamente difundidos nas escolas, onde estes, em grande parte, baseiam-se em práticas convencionais, baseadas em provas, sendo estas, discursivas ou em formato de simulado, para a partir de então, julgar o conhecimento, avanço, sucesso, fracasso, progresso, e aprendizado, do aluno. Nesse ínterim, o presente trabalho visa trazer uma breve reflexão a

respeito da avaliação da aprendizagem frente ao ensino remoto emergencial implantado no ano de 2020 como consequência da pandemia do covid-19, bem como, analisar o papel do professor em tais mudanças no sistema educacional.

2. METODOLOGIA

Partindo de uma breve revisão de literatura em materiais já publicados na área educacional e, especialmente, acerca da pandemia do coronavírus, a abordagem metodológica utilizada no artigo é considerada exploratória (GIL, 2008), não com o objetivo de apresentar, necessariamente, elementos conclusivos para as reflexões ora apresentadas, mas na perspectiva de colaborar com o debate acerca da temática educacional, contribuindo para uma melhor compreensão das possíveis estratégias a serem utilizadas no problema em questão.

Ademais, pode-se também considerar que o artigo, metodologicamente, apresenta caráter descritivo uma vez que, por meio do processo analítico da abordagem exploratória, serão descritas as reflexões, não com foco em determinar caminhos certos a seguir, mas, como já mencionado anteriormente, suscitar o debate, inclusive por meio de questões que precisam ser pensadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De início trazendo reflexões a respeito da primeira indagação levantada, a respeito da pergunta: Como então avaliar em tempos de ensino remoto? É de suma importância pontuar que, o ato de avaliar sempre foi um paradigma estabelecido perante os docentes, o qual sempre exerceu uma enorme influência e pressão política, desde as provas avaliativas externas prestadas por órgãos governamentais, ditas avaliadoras do desenvolvimento educacional dos estudantes, como também para as instituições de ensino, as quais visam explanar os resultados obtidos do sistema educacional ofertado, em formato de números, com as tão conhecidas notas.

Assim, no sistema tradicional de educação, as provas escritas sempre estiveram presentes como forma de avaliação de uma gama de conhecimentos adquiridos ao longo de um semestre letivo. Onde muitas vezes passa a ser vista como forma de punição por mal comportamento dos discentes, causando então receio perante os educandos da realização da

prova. Ou até mesmo, como uma maneira encontrada diante dos professores de atrair a atenção dos alunos para as respectivas aulas, utilizando corriqueiras expressões como por exemplo: “esse conteúdo será cobrado na prova”, o que acaba obtendo como consequência uma mudança do objetivo do ensino, passando este, a ser importante pois irá cair na prova, e não pelo motivo original, o qual trata-se de adquirir conhecimentos.

Entretanto, é válido ressaltar que, com o passar dos anos ocorreram diversas mudanças significativas no modelo avaliativo por parte de muitos docentes, utilizando por exemplo, trabalhos em grupo, seminários, feiras e exposições, os quais muitas vezes não são aceitos com bons olhos por parte da gestão escolar, ou até mesmo, são exigidos que, parte da nota ainda assim seja dada com uma avaliação tecnicista e tradicional, ou seja, realizando uma prova. Tal cenário reflete que o ato da avaliação educacional vai muito além de realmente avaliar o desenvolvimento e conhecimentos educacionais dos discentes, e sim, transcende barreiras políticas e econômicas.

Tendo em vista que, as avaliações, passam a ser uma das várias estratégias implantadas pelo Estado visando a direcionar mudanças no setor educacional, as quais servem como instrumentos da ação dos governos na produção e regulação das políticas públicas. Assim, os resultados das avaliações externas estaduais e nacionais servem como indicadores que fornecem uma ideia, uma noção da realidade educacional (Lima; Andrade, 2008), e estabelece um controle efetivo sobre a expansão educacional e assegura a qualidade da educação (GONÇALVES et al., 2020; MARTINS; SOUSA, 2020).

Mas como avaliar a qualidade da educação no contexto de pandemia da Covid-19, porquanto seu impacto global provocou um isolamento social severo, com o fechamento de escolas e migração do ensino presencial para o modelo de ensino remoto? A UNESCO, em abril de 2020, emitiu um documento fornecendo uma visão geral das respostas de muitos países que optaram em adiar suas avaliações educacionais de larga escala. No mesmo documento, a Unesco orienta:

Decisões sobre manter, cancelar, adiar, entrar online ou apresentar alternativas as abordagens aos exames e à validação da aprendizagem permanecem com os países. Considerações para fazer tal as decisões reveladas a partir desta análise rápida, são baseadas, acima de tudo, na segurança, saúde e bem-estar socioemocional de alunos e pessoal educacional. Os exames no local devem ser

mantidos, medidas sanitárias adequadas precisam ser asseguradas (por exemplo, sanitização, máscaras e distanciamento físico) de acordo com as orientações fornecidas pelas autoridades nacionais de saúde. (UNESCO, 2020, p. 16).

No limite, Gonçalves et al.(2020) concluiu que, devido ao momento vivenciado em virtude da pandemia, compreende-se que as avaliações externas, de modo geral, não seriam prioridade, todavia, a prioridade naquele momento seria observar o contexto escolar, criar protocolos de segurança e solucionar problemas pontuais como desigualdades e perdas.

Contudo, apesar de tais recomendações, não foram o que perpassaram o cenário educacional no país, onde provas externas as quais visam espelhar o desempenho das instituições de ensino foram mantidas, exercendo assim uma determinada pressão nas escolas. Provas externas como o SAEBE e o ENEM seguiram programadas para acontecer, mesmo com todos os fatores limitantes e recomendações do contrário.

Assim, com todos os obstáculos elencados nas instituições de ensino, uma das principais preocupações foi o formato de avaliação o qual seria utilizado. Como dito anteriormente, a pressão política sobre a avaliação destaca-se, dessa forma, tal prática passou a ser modificada apenas em seu formato de realização, contudo, com tecnicamente o mesmo modelo disposto. Devido ao distanciamento social e a respectiva adoção do ensino remoto emergencial, este tipo de avaliação passou a ser feito através do google formulário, com questões abertas e de múltipla escolha, semelhante ao que se fazia no modelo presencial.

A internet se tornou um recurso essencial para que professores pudessem transmitir os conteúdos a crianças, adolescentes e adultos em lugares mais remotos. Escolas passaram a utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como estratégia para substituírem os encontros presenciais durante a pandemia.[...] as TIC têm se mostrado uma possibilidade importante para favorecer o processo ensino-aprendizagem, visto que são recursos atraentes que estimulam nossos sentidos, permitem o compartilhamento de informações, apontam novas formas de relacionamento, de comunicação, de construção de conhecimentos e abrem novas possibilidades pedagógicas(SOUZA, 2020, p. 108).

Demo (1994, p. 60), considerado um dos precursores no desenvolvimento de pesquisas em EaD, destaca: "A educação a distância será parte natural do futuro da escola e da universidade. Valerá ainda o uso do

correio, mas parece definitivo que o meio eletrônico dominará a cena”. Com base nas considerações apresentadas, assim como de vários estudos acerca da educação a distância, essa modalidade de ensino pode ser uma alternativa viável para que os conteúdos programáticos possam ser ensinados aos estudantes que, atualmente, encontram-se em suas casas, em função do distanciamento social. Nessas circunstâncias,

Souza (2020) compreende que a pandemia do coronavírus acelerou as mudanças já esperadas na educação, onde o ensino conteudista está cada vez mais sem espaço na nossa sociedade. Contudo, a mudança abrupta de um sistema de ensino emergencial, sem o devido preparo técnico por parte de todos os envolvidos, em especial os docentes e discentes, prejudicou nitidamente o processo de ensino-aprendizagem, dificultando o sistema avaliativo conseqüentemente.

Para Souza (2020) embora as TIC façam parte da rotina da escola, professores e alunos.[...] a utilização delas no período de pandemia, para substituir os encontros presenciais, tem encontrado vários desafios, entre eles: a infraestrutura das casas de professores e estudantes; as tecnologias utilizadas; o acesso (ou a falta dele) dos estudantes à internet; a formação dos professores para planejar e executar atividades online. (SOUZA, 2020, p. 112). No Brasil em 2019, 29% do total de domicílios não tinham acesso à internet, ou seja, 20 milhões de brasileiros. O estudo também mostra, que 51% dos domicílios da zona rural têm internet, enquanto as residências da zona urbana chegam a 75%. O relatório aponta que, no contexto da pandemia, a baixa qualidade da conexão e a pouca quantidade de dispositivos disponíveis precarizaram o ensino remoto, atingindo parcelas já vulneráveis da população aumentando ainda mais as desigualdades (TIC DOMICÍLIOS, 2019).

Nesse sentido, Santos (2020) ressalta: “Se todas as crianças não conseguem acompanhar aulas online por falta de recursos, eu não quero que meus filhos tenham essa “vantagem” porque a gente pode pagar”. Nesse sentido, Kenski (2010) enfatiza que a EaD pode ser considerada uma cultura escolar diferenciada, exigindo novos mecanismos para o acompanhamento da avaliação da aprendizagem pelos estudantes. Tal cenário, reflete diretamente nos resultados alcançados por parte dos estudantes, visto que, com a mudança na forma de ensino, onde a sala de aula passou a ser nos ambientes domésticos, é nítido observar, que os aspectos socioeconômicos dos discentes serão cruciais para tal. Onde estudantes que apresentam vulnerabilidade socioeconômica, muitas vezes não detêm de um ambiente calmo e harmoniosos os quais visem a propiciar uma

melhor aprendizagem, bem como um aparato tecnológico adequado, como uma boa internet e um computador ou notebook.

Ao contrário dessa situação ideal de educação remota, o que se encontra amplamente difundido hoje, conforme demonstrados nos dados, são crianças que apresentam apenas os telefones dos pais para estudar, no qual muitas vezes, precisam dividir o mesmo recurso com o irmão e/ou irmãs, além de contar com a vizinhança, na qual muitas vezes é barulhenta, adicionando então mais um impedimento o qual não favorece a concentração para os estudos em casa. Também, é importante salientar que, tais estudantes vulneráveis socioeconomicamente, apresentam responsabilidades domésticas, as quais tem de estar conciliadas com os afazeres educacionais, o que acaba por ser um desafio para os mesmos nesse momento de ensino remoto emergencial, visto que, ambos os afazeres restringiram-se a um só campo de realização, o domicílio.

Somando-se a isso, a relação professor-estudante tão importante no processo ensino aprendizagem será, por hora, fragilizada no fluxo educacional. Sobre essa relação, Caldeira (2013) enfatiza que o dia a dia em sala de aula está repleto de acontecimentos significativos, não só na vida do professor, mas também na do estudante. Destaca-se que essa relação professor-estudante é essencial, inclusive, para sanar muitos dos problemas de aprendizagem dos estudantes que podem em alguns casos estar atrelados à metodologia utilizada pelo professor, que geralmente é presença marcante no processo de avaliação definido por este. O professor apresenta o papel chave, para o resultado da avaliação educacional, devido ao fato que, será este, que irá guiar e preparar os discentes para a devida avaliação. Desse modo, diversas atitudes podem ser repensadas para o desenvolvimento da avaliação, onde este, não necessariamente, precisa estar restrito a modelos tradicionais de provas, podendo o profissional então, fazer jus, a criatividade, e elaborar métodos de acompanhamento, os quais avaliem todo o caminhar e desenvolvimento do estudante, ao invés de medir o conhecimento, restringindo este, a uma nota, ofertada em uma única prova ao final do semestre letivo.

Segundo Lopes (2006), o processo de avaliação utilizado pelo professor não pode estar dissociado da metodologia de ensino deste para que ocorra a aprendizagem. Nesse sentido, Caldeira (2013) ressalta que as manifestações de afeto, que muitas vezes estão presentes na relação professor-estudante, podem contribuir tanto para o aprendizado do estudante quanto para a evolução do professor como educador. É, pois, urgente e necessário transitar deste ensino remoto de emergência,

importante numa primeira fase, para uma educação digital em rede de qualidade. Mais do que a transferência de práticas presenciais urge agora criar modelos de aprendizagem virtuais que incorporem processos de desconstrução e que promovam ambientes de aprendizagem colaborativos e construtivistas nas plataformas escolhidas (MONTEIRO; MOREIRA; ALMEIDA, 2012; MOREIRA, 2012; MOREIRA, 2018).

No professor recaem, pois, as funções de motivador, de criador de recursos digitais, de avaliador de aprendizagens e de dinamizador de grupos e interações online. E para ser esse dinamizador é necessário compreender as especificidades dos canais e da comunicação online, síncrona e assíncrona (SALMON, 2000). É, pois, fundamental criar uma boa estrutura de comunicação para gerar uma autêntica comunidade virtual de aprendizagem, onde o estudante se sinta conectado e motivado. É necessário comunicar com regularidade com os estudantes nos diferentes canais de comunicação para que eles sintam a presença do professor e dos seus pares. Uma sala de aula virtual vazia é uma experiência “cinzenta” para o estudante, uma sala sem vida, sem presença social e cognitiva rapidamente se torna num espaço “sem vida” (MOREIRA; FERREIRA; ALMEIDA, 2013).

Tal como nas salas de aula presenciais é possível desenvolver processos de avaliação formativa e sumativa, usando as ferramentas apropriadas disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem (DIAS; OSÓRIO; SILVA, 2008; AMANTE; OLIVEIRA, 2019). No que diz respeito à avaliação formativa, a variedade de possibilidades para monitorar e avaliar os alunos em ambientes online é muito ampla, sendo que a maioria das plataformas oferecem uma visão geral do progresso dos estudantes, por meio do feedback fornecido e da nota recebida, que fica sempre registada (TINOCA; OLIVEIRA, 2013).

Seja em que ambiente formal, analógico ou digital, é importante desenvolver atividades associadas a um plano de avaliação contínua, que permita ao estudante monitorar seu processo de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de competências (NUNES; VILARINHO, 2006). Por fim, é de referir que a avaliação da participação nas salas de aula virtuais (SAV) também é possível fazer, e é desejável que se faça. A avaliação da participação do estudante numa SAV assíncrona tem por objetivo a aferição da qualidade das intervenções e as competências por si desenvolvidas, permitindo, por um lado, identificar as áreas que condicionaram o resultado final da formação e, por outro, ajudando a definir estratégias

que conduzam a uma melhoria de todo o processo (MONTEIRO; MOREIRA; LENCASTRE, 2015).

No entanto, previamente a qualquer tipo de avaliação qualitativa do desempenho dos estudantes, é necessário informar os estudantes acerca da forma como vai ser realizada a avaliação nestes espaços de comunicação, quais são as dimensões, os parâmetros e os principais indicadores que irão ser considerados na sua avaliação na SAV. Assim estarão melhor preparados para responder aos desafios colocados pelo professor.

O professor nesse processo é um elemento central, porque para dispor de elementos para a avaliação nos diferentes indicadores considerados precisa de dinamizar de forma ativa a discussão. Para que o estudante possa melhorar a sua performance durante o decorrer das aulas é fundamental que o docente vá dando feedback construtivo e exato acerca do seu desempenho. O estudante necessita dele para compreender o seu desempenho. Comentários como “ótimo”, “bom” ou “bastante insuficiente” não têm grande utilidade para além de satisfazerem (ou não) o estudante. Através de um feedback de qualidade da parte do docente, e até de outros estudantes, será possível compreender o desempenho com detalhes mais específicos no que diz respeito a alguns dos indicadores considerados. Desta forma, o feedback oferecerá novas possibilidades de escolha, tornando-se assim um feedforward. Enquanto o feedback é principalmente dirigido ao desempenho do momento, o feedforward é direcionado para o que pode ser feito de maneira diferente na próxima intervenção (MONTEIRO; MOREIRA; LENCASTRE, 2015).

E esta mudança a que estamos assistindo, de paradigma e de filosofia educacional, exige uma política ativa de formação docente, de apropriação digital (HENRIQUES et al., 2015). Sendo a educação digital em rede, um processo que se caracteriza pela conectividade, rapidez, fluidez, apropriação de recursos abertos é necessário desencadear processos educativos destinados a melhorar e a desenvolver a qualidade profissional dos professores que, claramente, neste momento, foram pegos de surpresa.

Neste contexto de tantas exceções, compreende-se que a avaliação consiste em uma das dimensões essenciais do processo de aprendizagem. Ao definir avaliação, Casali (2007) expressa o termo como ação de dar valor, “[...] como saber situar cotidianamente, numa certa ordem hierárquica, o valor de algo enquanto meio (mediação) para a realização da vida do(s) sujeitos(s) em questão, no contexto dos valores culturais e, no limite, dos valores universais” (CASALI, 2007, p.10).

De acordo com Casali, o valor está inserido na lógica que estabelece os elos com a aprendizagem. Outros três teóricos, Assubel (1918 – 2008), Piaget (1896 – 1980) e Vygotsky (1896 – 1934) possibilitam entender o processo avaliativo como parte da dinâmica da aprendizagem. Para os autores, as escolhas não são neutras, muito pelo contrário, são imbuídas de relações entre o cognitivo e o emocional. Esses teóricos possibilitaram compreender a importância da relação entre professor e aluno. A coparticipação efetiva na construção do conhecimento e a aprendizagem significativa, segundo os autores, devem ser marcadas pelo respeito e afetividade e proporcionar novos aprendizados a partir de desequilíbrios a serem vencidos.

Por último, Lev Vygotsky (1896 – 1934), nascido no mesmo ano que Piaget, teve pouco tempo de vida. Mesmo assim, Vygotsky deixou um legado importante, ao apresentar seus estudos, teorizou sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). “[...] a noção de zona de desenvolvimento proximal capacita-nos a propor uma nova fórmula, a de que o “bom aprendizado” é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento (VYGOTSKY, 1991, p. 60).

Nas afirmativas desse autor, o ser humano pode empoderar os seus conhecimentos a partir da interação com o outro e alavancar o seu processo de aprendizagem.

A zona de desenvolvimento proximal provê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver (VYGOTSKY, 1991, p.58).

A ZDP instiga a reflexões sobre a avaliação do processo de aprendizagem, como um diferencial no desenvolvimento humano. Com entendimento de que se aprende de diversas maneiras, destaca-se, contudo, que o acompanhamento de um outro pode interferir positivamente no processo de aprendizagem. Nessa lógica, a atuação do professor possui uma importante ação no aprendizado de seus estudantes. Por fim, para finalizar, tal reflexão frente ao papel do professor nos processos avaliativos, cabe o apelo, para uma escolha de postura baseada neste modelo de ZDP onde o docente, passa a caminhar com o aluno, estabelecendo uma relação de diálogo e parceria, deixando o aprendizado mais

leve, e sem uma carga de pressão inserida para ambos os lados, ou seja, para o professor e aluno, resultando dessa maneira, em uma avaliação justa e adequada para o docente e discente envolvidos.

Outrossim, cabe a reflexão do comprometimento e respeito por todo o processo de aprendizagem adquirido por parte dos estudantes, os quais passaram a exercer um papel ainda mais fundamental sobre sua própria educação. Visto que, estes não estão mais sendo observados presencialmente no instante em que estão realizando a avaliação nem tampouco aos estudos. Portanto, o comprometimento e respeito por seu próprio processo formativo estava sob seus próprios comandos, aumentando ainda mais a responsabilidade educacional por parte dos alunos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é nítido salientar que, mesmo com o passar dos anos e o desenvolver de metodologias ativas de ensino, o ato de avaliar ainda é caracterizado sob pontos de vista e características retrográdas, onde mesmo com a imposição de outras formas de se pensar em avaliação, grande parte das instituições de ensino, ainda não aceitam totalmente a eliminação total de avaliações baseadas em modelos tradicionais, ou seja, em provas teóricas escritas e/ou orais. Entretanto, com a chegada de uma nova modalidade de ensino, implantada emergencialmente frente a uma crise sanitária instalada globalmente, novos métodos avaliativos passaram a ser então utilizados e revistos em seu amplo sentido para a realização do acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem mediante a novos parâmetros educacionais impostos. Ademais, mesmo com mudanças na forma de aplicação da prova, passando dos papéis para um google formulário online, tal recurso ainda está amplamente difundido diante do professorado, o que acaba despertando interesse em entender o porque de tal recurso baseado em modelos tradicionalistas são tão difundidos nas instituições, será este a melhor maneira de avaliação? Como o mesmo, consegue transmitir toda a aprendizagem adquirida dos discentes? Por fim, cabe aqui a seguinte indagação, em relação ao real significado de avaliar, somando a significativa importância do papel do professor e sua respectiva relação com os estudantes, para que tal ação ocorra de forma coerente e compreensiva, passando então a observar e acompanhar o caminhar do aprendiz, ao invés de baseá-lo apenas em técnicas de medição do conhecimento, os quais com toda certeza não expressam o real significado da aprendizagem, pois como

expressado por Both (2011) a avaliação juntamente com o ensino torna real a aprendizagem, pois o foco da avaliação consiste em que condições é dominado, relacionado e aplicado os conteúdos e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. Algunos aspectos psicológicos de la estructura del conocimiento. Buenos Aires: El Ateneo, 1973.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro, 1996. Disponível em: Acesso em: 09/04/2021.

BELOTTI, S. H. A.; FARIA, M. A. “Relação professor/aluno”. Revista Eletrônica Saberes da Educação, vol. 1, n. 1, 2010.

BELLONI, Isaura. A universidade e o compromisso da avaliação institucional na reconstrução do espaço social. Avaliação: Revista da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior, v.4, n. 3, 1996. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/731> Acesso em: 21 jul. 2021.

BOTH, I. J. Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina. 3. ed. rev.- Curitiba: Ibpex, 2011.

CALDEIRA, J. S. “Relação Professor-Aluno: uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem”. Anais do XI Congresso Nacional de Educação (XI EDUCERE) / II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação (II SIRSSE) / do IV Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (IV SIPD). Curitiba: PUC-PR, 2013.

CASALI, Alípio. Fundamentos para uma avaliação educativa. In: CAPPELLETTI, Isabel F. Avaliação da aprendizagem: discussão de caminhos. São Paulo: Editora Articulação Universidade/Escola. 2007.

DEMO, P. Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DIAS, P.; OSÓRIO, A. J.; SILVA, B. Avaliação Online. Braga: Centro de Competência: Universidade do Minho, 2008.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

SANTOS, D. “Hipocrisia à distância: a escola finge que está educando e os pais fingem que os filhos estão aprendendo”. Revista Bula [s/d]. Disponível em: Acesso em: 14/04/2021.

GONÇALVES, Lukelly Fernanda Amara et al. As políticas públicas de avaliação em larga escala no Brasil diante da pandemia de Covid-19. Revista Com Censo, v. 7, n. 3, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/932/557> Acesso em: 21 jul. 2021.

HENRIQUES, S.; MOREIRA, J. A.; GOULÃO, M. F.; BARROS, D. Online Training of Trainers from the Open University, Portugal, In: A. M. TEIXEIRA, A. SZUCCS; I. MÁZAR (Eds.). Expanding Learning Scenarios. Conference Proceedings EDEN 2015. Barcelona: European Distance and e-Learning Network & UOC - Universitat Oberta de Catalunya, p. 798-804, 2015.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação enquanto mediação. Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista. 45ª ed. Porto Alegre, Mediação, 2003.

UNESCO. Covid-19: A glance of national coping strategies on highstakes examinations and assessments. 2020. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/unesco_review_of_highstakes_exams_and_assessments_during_covid-19_en.pdf Acesso em: 21 Jul. 2021.

KENSKI, V. M. “Avaliação e acompanhamento da aprendizagem em ambientes virtuais a distância”. In: MILL, D. R. S.; PIMENTEL, N. M. (orgs.). Educação a distância: desafios contemporâneos. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

LIMA. Alessio Costa; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra. O Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE) como expressão da política pública de avaliação educacional do Estado. In: IV Congresso Internacional em Avaliação Educacional -Avaliação: Perspectivas para a Escola Contemporânea. Ceará, 2008. Anais...IV Congresso Internacional em Avaliação Educacional, Ceará, 2008, p. 1332-1349. Disponível em: <http://>

repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39903/1/2008_eve_aclima.pdf Acesso em: 21 jul. 2021.

LORDÊLO, José Albertino Carvalho; DAZZANI, Maria Virgínia (Orgs.). Avaliação educacional: desatando e reatando nós. Salvador: EDUFBA, 2009.

MOREIRA, J. A.; FERREIRA, A. G.; ALMEIDA, A. C. Comparing communities of inquiry in higher education students: one for all or one for each? OpenPraxis. International Council for Open and Distance Education, v.5, n. 2, p. 165-178, 2013.

MOREIRA, J. A. Modelos pedagógicos virtuais no contexto das tecnologias digitais. In: D. MILL; G.

MOREIRA, J. A. Novos cenários e modelos de aprendizagem construtivistas em plataformas digitais, In: MONTEIRO, A.; MOREIRA, J. A.; ALMEIDA, A. C. (Orgs.). Educação Online: Pedagogia e Aprendizagem em Plataformas Digitais. Santo Tirso: De Facto Editores, p. 29-46, 2012.

NUNES, L.; VILARINHO, L. Avaliação da aprendizagem no ensino online. Em busca de novas práticas. In: M. Silva; E. Santos (Orgs.). Avaliação da aprendizagem em educação online. São Paulo: Edições Loyola, p.68-78, 2006.

PERA, G. "Ano letivo poderá ter menos de 200 dias". Portal do MEC [01/04/2020]. Disponível em: Acesso em: 09/04/2021.

PIAGET, J. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro: J. Olympio: UNESCO, 1974.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros:TIC Domicílios 2019.São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em:https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf Acesso em 02 de maio de 2021.

SANTIAGO; M. SANTOS; D. PINO (Eds.) Educação a Distância. Dimensões da pesquisa, da mediação e da formação. São Paulo: Artesanato Educacional, p. 37-54, 2018.

SALMON, G. E-Moderating. The Key to Teaching and Learning Online. London: Kogan Page, 2000.

SCHON, D. Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

SENHORA, ElóiMartins. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 2, n. 5,2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Covid-19Educacao/2945>Acesso em: 06 de abril de 2021.

SOUZA, Elmara Pereira de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, v. 17, n. 30,2020.DOI: <https://doi.org/10.22481/ccsa.v17i30.7127>TIC DOMICÍLIOS 2019.

TINOCA, L.; OLIVEIRA, I. Formative assessment of teachers in the context of an online learning environment. Teachers and Teaching: Theory and Practice, v.19, n. 2, p. 221-234, 2013.

VYGOTSKI, L. S. A formação social da mente. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo – SP, 1991. 4ª edição brasileira.